

Lucciano Franco de Lira Siqueira¹

Thayná Alves Rocha²

Resumo: O artigo analisa publicações em língua portuguesa realizadas entre os anos de 2003 e 2019 acerca do psiquiatra paulistano e intelectual da medicina psiquiátrica brasileira Antonio Carlos Pacheco e Silva. O levantamento realizado evidencia inicialmente uma diminuta produção acadêmica sobre o intelectual, porém, em expansão, dado ao aumento de interesse por pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação de universidades localizadas no Estado de São Paulo. Ao relacionar a trajetória intelectual do influente psiquiatra com o mapeamento dos estudos recentes sobre o médico, os resultados desvelaram as preocupações eugênicas e higienistas como centrais, além de projetar o ideal identitário brasileiro a partir da paulistanidade. Os desdobramentos indicam que o intelectual avaliava a miscigenação como doença e divulgava teorias organicistas como organizadoras do social.

Palavras-chave: Trajetória; Intelectuais; Interdisciplinaridade.

Abstract: The article analyzes publications in Portuguese made between 2003 and 2019 about the São Paulo psychiatrist and intellectual of Brazilian psychiatric medicine Antonio Carlos Pacheco e Silva. The survey initially shows a small academic production on the intellectual, however, expanding, given the increased interest in researchers linked to postgraduate programs at universities located in the State of São Paulo. By relating the intellectual trajectory of the influential psychiatrist to the mapping of recent studies on the doctor, the results revealed eugenic and hygienist concerns as central, in addition to projecting the Brazilian identity ideal from the point of view of São Paulo. The developments indicate that the intellectual evaluated miscegenation as a disease and disseminated organic theories as organizers of the social.

Keywords: Trajectory; Intellectual; Interdisciplinarity.

O presente artigo é resultado do inventário das produções científicas disponíveis *online* desenvolvidas acerca do médico psiquiatra Antonio Carlos Pacheco e Silva (1898-1988), em específico, artigos publicados em revistas acadêmicas indexadas no Brasil e em Portugal. A proposta entende que o mapeamento das publicações existentes sobre o médico permite avaliar a história pessoal do intelectual, os discursos produzidos, assim como o impacto da obra do intelectual na representação do brasileiro e como

XX, sendo autor de obras clássicas da literatura médica brasileira voltada para a psiquiatria.

¹ Mestrando do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro. Graduado em História pela Universidade Santo Amaro, São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa: Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. email: luccianofr@gmail.com.

² Graduada em História pela Universidade Santo Amaro, São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa: Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. email: thaynalves17@gmail.com.

Nascido na cidade de São Paulo no bojo do processo de transição da Monarquia à República, Pacheco e Silva vivenciou um período marcado por transformações sociais, políticas e econômicas que alteraram os modos e vida e trabalho dos brasileiros, mudanças fomentadas pela urbanização e incentivada por processos de industrialização da produção econômica, assim como pela expressiva imigração provocadoras de um redimensionamento da identidade nacional. São Paulo representava a ideia de modernização como um modelo a ser seguido, caracterizando o espaço social como branco, cristão, moderno e industrializado, o que traduzia significados que as elites locais pretendiam exportar para o mundo, vale dizer, de uma ordem sonhada e discursivamente projetada como uma ‘raça de gigantes’.

Como afirma Bárbara Weinsten (2006) e André Mota (2005), o impacto dessas imagens influenciaram de modo expressivo as relações políticas que se estabeleciam, as quais culminaram com a Revolução Constitucionalista de 1932, vale dizer, São Paulo entra em guerra contra os demais estados do Brasil, inclusive, com apoio de Antonio Carlos Pacheco e Silva, soldado da epopeia constitucionalista, pois compunha o movimento M.M.D.C., organização cujas siglas representam os nomes dos estudantes e manifestantes paulistas Mário Martins de Almeida, Américo Camargo de Andrade, Cláudio Bueno Miragaia e Dráusio Marcondes de Sousa, cujas mortes iniciam o levante.

A atuação de Pacheco e Silva ultrapassou o cenário médico tendo atuado na esfera pública como Deputado Federal e Estadual, âmbito de sua trajetória marcada pela presença de membros da elite intelectual como advogados e médicos, sendo, por esse motivo, frequente a tentativa e aplicação de leis que impusessem à sociedade padrões pautados e legitimados pelo discurso médico-legal em vigência, com destaque para os discursos fundados na eugenia e no higienismo. Do mesmo modo, foi presidente do Instituto de Organização Racional do Trabalho – IDORT, além de ocupar outros destacados cargos militares, científicos e políticos. Foi deputado à Assembleia Nacional Constituinte de 1934 e deputado à Assembleia Constituinte e Legislativa de São Paulo, em 1935, cabendo-lhe a honra de apor sua assinatura na Constituição Federal de 16 de julho de 1934 e na Constituição Estadual de 9 de julho de 1935.

Sua biografia evidencia o ilustre médico paulistano como presidente da *World Federation for Mental Health*, presidente do Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo, professor da cadeira de serviços sociais da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, membro do Conselho de Peritos em Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde - ONU, membro da Academia Paulista de Letras, cadeira número 34, presidente da Aliança Francesa em São Paulo, presidente-fundador da União Cultural Brasil-Estados Unidos em São Paulo, presidente do comitê *France-Amérique* em São Paulo, presidente da Associação Psiquiátrica Brasileira, presidente da Liga Paulista de Higiene Mental, presidente da Academia de Medicina de São Paulo na gestão de 1933-1934, presidente do departamento de psiquiatria da Associação Paulista de Medicina, presidente do departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, presidente no centro Cultural Brasil-Suécia, presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo entre 1951 e 1952, presidente da

Sociedade Brasileira de Escritores Médicos no período de 1974 a 1976, presidente do “Fórum Roberto Simonsen” da Federação das Indústrias de São Paulo, vice-presidente da fundação Moinho Santista, membro do conselho técnico de economia, sociologia e política da Federação do Comércio, presidente da Sociedade Franco-Brasileira de Medicina de São Paulo, presidente da comissão de relações públicas do Hospital das Clínicas, presidente do conselho científico da Associação Brasileira de Medicina do Tráfego, membro do conselho de administração do Hospital das Clínicas, membro do conselho executivo da Assistência Mundial de Psiquiatria, membro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, membro honorário da Academia Nacional de Medicina, membro da Associação Paulista de Medicina, presidente do “Genepsi” – Centro de Neuro Psicocirurgia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Representou o Brasil em diversos congressos de psiquiatria, neurologia, higiene mental, criminologia e histopatologia realizados na Argentina, México, Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Suíça, tendo sido presidente, vice-presidente e relator oficial em vários desses eventos. Entendendo essa influência, os estudos que tratam a vida e obra de Pacheco e Silva demonstram como suas ideias influenciaram a vida privada e familiar da sociedade brasileira no período em que viveu e atuou profissionalmente. Jurandir Freira Costa (1979) demonstra como o pensamento médico impactou nas políticas de organização e disciplinarização da vida social no Brasil nos anos iniciais da República, cuja participação do intelectual é inegável.

O presente artigo, ao remontar a trajetória de Pacheco e Silva, analisa como sua obra é abordada na produção acadêmica atualizada, divulgada em formato de artigos publicados em periódicos eletrônicos nacionais e internacionais em língua portuguesa entre os anos de 2003 e 2019, disponíveis nas plataformas Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, *The Scientific Electronic Library Online* - Scielo e Google Acadêmico. Por intermédio desse inventário, a proposta visa interpretar como os artigos encontrados destacam o pensamento do médico psiquiatra e intelectual brasileiro, os quais foram analisados a partir das variáveis: ano de publicação, titulação e filiação institucional dos autores, periódico no qual o texto fora submetido e materiais utilizados para a fundamentação dos estudos. Assim, o presente artigo busca remontar a trajetória de Pacheco e Silva a partir das interpretações das pesquisas referentes ao intelectual, do mesmo modo, destaca as relações de interdependência da abordagem proposta no âmbito da pesquisa interdisciplinar.

História, Biografia e Interdisciplinaridade

A construção da biografia como gênero histórico teve grande expressão durante o século XIX. O período remonta uma prática historiográfica pautada nos princípios do pensamento linear, progressivo,

concatenado, intimamente relacionados aos estudos biográficos. Como destacado por Peter Burke (1992) a História teria como base um enfoque essencialmente preocupado com a esfera política, ou seja, o Estado em suas relações nacionais e internacionais. A História seria simplesmente responsável por narrar os acontecimentos considerados importantes e reconhecia como fonte somente documentos provenientes de órgãos oficiais emitidos pelo Estado, constituindo-se em uma história que enaltecia os feitos das elites, geralmente personificadas.

Partindo desse panorama e tendo em vista a afirmação de Lilian Schwarcz (2013) quando relaciona biografia à escrita da história linear direcionada a figuras políticas como símbolos da pátria, percebe-se claramente a natureza dessa historiografia como legitimadora de discursos normatizadores e homogeneizadores, que atendiam à necessidade de símbolos erigidos pelas elites, como uma pretensa coesão do nacional, que em nada se assemelhava a realidade vivenciada pelas populações. Por adotar como fontes somente documentos oficiais se torna claro que as biografias, inicialmente, se voltavam às figuras representantes do poder vigente, dos grupos dominantes, de homens ilustres.

Tratava-se de uma história vista de cima, em cujo discurso predominava aspectos heroicos atribuídos ao biografado, que recebia o status de “exemplo a ser seguido”. Conforme destaca Guy Bourdê e Hervé Martin (2012) essa modalidade remonta as práticas da história na Idade Média, uma história cristã, teleológica, isto é, uma ausência geral de sentido histórico, da história como veículo privilegiado do sentimento nacional, cuja escrita se pautava na crônica política e militar, bem como religiosa. Tal pressuposto é questionado com a problematização da escrita da história proveniente da chamada escola dos *Annales*, vinculada ao surgimento, na França, em torno da *Revista Annales: économies, sociétés, civilisations*. A partir deste movimento, seus integrantes, assim como uma plêiade de futuros historiadores, alteraram os paradigmas da historiografia dominante e ainda o fazem.

As gerações dos *Annales* alargaram os campos de interesse da história preocupada com aspectos políticos, pois se interessava pela multiplicidade da vida humana em suas dimensões culturais, religiosas, econômicas, no diálogo constante com outras disciplinas, outros campos e saberes, promovendo a necessidade de uma análise entendida como interpretação dos fatos históricos, metodologicamente e rigorosamente construídos com base em fontes múltiplas oriundas da Antropologia, Biologia, Economia, Sociologia entre outras áreas do conhecimento. Assim, toda produção e experiência humana se tornou documento viável de análise, passível de ser problematizado, como registro na medida em que abarca a pluralidade de sujeitos históricos observáveis nas sociedades humanas, inclusive o corpo (BURKE, 1992).

Como uma escola histórica, a Biografia passa a ser questionada pelos novos paradigmas, assim, foi alvo de críticas advindas da análise dos fenômenos em massa pela Sociologia e correntes historiográficas vinculadas ao materialismo histórico marxista do século XX (TARELOW, 2018). Todavia, essa prática historiográfica, assim como a História, também foi redimensionada na contemporaneidade, pois a biografia,

em sua validação atual, cria novas perspectivas para a escrita da história ao interpretar trajetórias não mais restritas às realizações das elites, o que não exclui o estudo das mesmas. O que altera é a preocupação analítica, que busca entender a diversidade e contradições presentes e observáveis na relação entre biografado e sociedade, como as trajetórias atravessam a estrutura social em que as biografias estão inseridas, não mais uma escrita enaltecida, que se escoimava na visão comum do tempo, como indicado por Lilia Schwarcz:

[...] O conceito “trajetória” implicaria objetivar as relações entre os agentes, sem deixar de lado suas forças em campo. Dessa maneira, e de forma diferente das biografias mais consagradas, a trajetória procuraria descrever posições simultaneamente ocupadas em sucessivos campos de força tanto individuais como “em relação” a demais grupos sociais em concorrência. (2013, p. 57).

Nesse sentido, como lembrado por Tarelow (2018), continuam na atualidade as produções biográficas, principalmente nas esferas institucionais ou voltadas ao mercado editorial, neste caso, escritas por jornalistas como obras destinadas a engrandecer biografados e que emitem para o leitor uma ideia de brilhantismo inato, para o qual o biografado parece estar destinado desde a mais tenra idade (SCHMIDT, 1997). Tal ideia, entretanto, é formulada como tentativa de se atribuir uma narrativa dotada de uma continuidade e coerência irreal, que despreza em sua construção o caráter inconstante do humano, assim como a presença de rupturas, lacunas, acidentes e do inesperado contido nas trajetórias.

A mudança epistemológica na historiografia implicou na ampliação das personagens históricas, pois a atualização dos estudos biográficos inclui pessoas anônimas, homens e mulheres distantes das glórias e da vida abastada das personalidades biografadas pela antiga tradição sem, contudo, excluir as trajetórias das elites. Deste processo, os cidadãos “comuns” tornar-se-iam objetos de estudo, logo, passíveis de serem biografados, pois não se trata de substituição da pessoa biografada, mas dos modos de interpretar sua trajetória.

Em suma, as produções da “era hermenêutica” foram responsáveis pela ampliação do alcance das análises biográficas e pelo rompimento com uma tradição milenar de produção de relatos de vida que se resumiam a exaltação de determinados indivíduos “especiais” e modelares. Este tipo de abordagem também foi responsável por uma significativa revisão historiográfica ao produzir estudos que valorizavam as individualidades, e as singularidades, diferentes das biografias modais (TARELOW, 2018, p. 26).

Tarelow (2018) utiliza em sua análise as nomenclaturas propostas por François Dosse (2009) ao se referir a diferentes abordagens da biografia. Assim sendo, destaca a idade heroica como a produção de narrativas de exaltação do biografado; a idade modal na que o biografado era empregado somente em relação às estruturas sociais nas quais estava inserido, por fim, a idade hermenêutica como composta pela problematização do biografado e sua correlação entre vivência individual e contexto social, sem distinção de

raça, classe ou gênero. Inserido no contexto da transformação da biografia e do pensar a história desde o início do século XX está também a retomada e valorização dos estudos interdisciplinares na medida em que:

O fenômeno interdisciplinar tem dupla origem: uma interna, tendo por característica essencial o remanejamento geral do sistema das ciências, que acompanha seu progresso e sua organização; outra externa, caracterizando-se pela mobilização cada vez mais extensa dos saberes convergindo em vista da ação. (JAPIASSU, 1976, p. 43).

O processo deslinda a mudança da interpretação rigidamente realizada tanto para a prática biográfica, quanto para os limites das disciplinas e campos do conhecimento estabelecidos. A interdisciplinaridade, conceito em construção, mas que propõe o diálogo teórico e as trocas metodológicas entre diferentes áreas do conhecimento na medida em que:

[...] nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir *incorporar* os resultados de várias especialidades, que *tomar de empréstimo* a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicas fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. Onde podemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para religar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos (JAPIASSU, 1976, p. 75).

Partindo para as influências diretas da interdisciplinaridade no campo da História, nos parece viável afirmar ser a interdisciplinaridade um elemento marcante no estabelecimento da “nova história”. Por intermédio do diálogo com diferentes disciplinas, da aproximação de conceitos e teorias, foram viabilizados mecanismos que permitiram a multiplicação dos sujeitos históricos, a retomada de percursos interrompidos, ampliação dos documentos considerados históricos, dotados de historicidade, assim como a ampliação das relações entre sujeito e estrutura, fomentando a possibilidades de interpretações históricas mais amplas, pois: “A base filosófica da nova história é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída. O compartilhar dessa ideia, ou sua suposição, por muitos historiadores sociais e antropólogos sociais ajuda a explicar a recente convergência entre essas duas disciplinas [...]” (BURKE, 1992, p. 11). O pressuposto interdisciplinar é evidente, tratado como imprescindível, ou seja, “[...] sua preocupação com toda a abrangência da atividade humana os encoraja [os historiadores] a ser interdisciplinares, no sentido de aprenderem a colaborar com antropólogos sociais, economistas, críticos literários, psicólogos, sociólogos etc [...]” (BURKE, 1992, p. 16).

Estabelece-se então uma estreita relação entre as transformações que abarcaram a base interdisciplinar da história e a retomada da biografia como trajetória. Relativos à preocupação das abordagens interdisciplinares, que não devem ser avaliadas como invenção moderna ou tradadas como

método, mas como prática presente em diferentes momentos da escrita da história e como campo, como área do conhecimento, a perspectiva das trajetórias se apresenta como abordagem renovadora.

A respeito do estudo estabelecido sobre a produção da obra de Pacheco e Silva, psiquiatra de renome que atuou durante o século XX em São Paulo, podemos perceber a presença das classes vulnerabilizadas ou em risco são inerentes em sua trajetória, cujo impacto de sua obra não o traduz somente enquanto membro da elite paulistana, mas como um intelectual médico, cujas proposições marcaram de modo contundente a sociedade brasileira ao estabelecer regras muitas vezes inacessíveis a imensa maioria.

Trajatória de Pacheco e Silva: “sanar um povo doente”

Antonio Carlos Pacheco e Silva nasceu em 29 de maio de 1898 e faleceu em 27 de maio de 1988. A história de vida do médico permite considerar que sua trajetória fora marcada pelas transformações no país, sobretudo, na cidade de São Paulo. Ao perscrutar suas experiências, percebe-se como o biografado fora impactado por essas mudanças, que não somente alteraram os centros urbanos, mas influenciaram diretamente a convivência humana, as relações travadas no cotidiano, a vida pública e privada.

Seu nome foi atribuído em homenagem ao avô paterno, que fora Tenente-Coronel da Guarda Nacional e também um dos principais líderes do Partido Conservador de Campinas. Assim como o avô, Pacheco e Silva, “dentre tantas atividades que exerceu, também se dedicou à carreira militar e engajou-se intensamente em atividades político-partidárias” (TARELOW, 2018, p. 53). A família do biografado descendeu dos Barões de Itatiba e Barões de Araras, importantes nomes da produção cafeeira, que enriqueceram e ganharam poder político a partir da cafeicultura e investimentos em indústrias paulistas e instituições financeiras como o Banco Ítalo-Brasileiro e o Banco União. Nota-se que Antonio Carlos Pacheco e Silva era “herdeiro da tradição, do prestígio e da riqueza da aristocracia do interior paulista” (TARELOW, 2018, p. 53).

A formação acadêmica evoca quatro universidades diferentes, tendo obtido seu diploma em Medicina em 1920 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No mesmo ano, formado médico, viaja para França, onde se inscreveu no último ano do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Paris, na qual se especializou em Anatomia Patológica. Na oportunidade, estagiou no Hospital *La Salpêtrière* e retornou para o Brasil após um ano, em 1921.

No Brasil, Pacheco e Silva entrou em contato com seu antigo professor, Franco da Rocha, então diretor do Hospital do Juquery com uma carta de recomendação redigida pelo diretor do hospital em Paris, no qual havia desempenhado trabalhos voltados ao atendimento clínico nas enfermarias e pesquisas laboratoriais, atestando a regularidade, dedicação e trabalho bem feito durante seu estágio supervisionado. Assim, devido à falta de profissionais com especialidade laboratorial específica no campo psiquiátrico, bem

como as relações de interdependência social, fora contratado para o cargo de chefe do Laboratório de Anatomia Patológica do Juquery.

Com dois anos de trabalhos laboratoriais no Juquery, Pacheco e Silva fora nomeado diretor da instituição, com apenas 25 anos de idade, indicado pelo próprio Franco da Rocha em 1923, quando este se afastou do seu cargo, devido ao cansaço e doença. No contexto a decadência do alienismo promovia o fortalecimento da teoria eugenista³ na orientação médica, que o jovem médico paulistano divulgaria em sua trajetória no campo da medicina-legal no Brasil.

Pacheco e Silva foi fundador de dois sanatórios. O Sanatório Pinel, em 1924 e o Instituto Pacheco e Silva, em 1944, ambos na cidade de São Paulo, além de seu consultório particular, que manteve por cinquenta anos. Em 1926, o médico funda a Liga Paulista de Higiene Mental, movimento “que congregou expressivo número de médicos e desenvolveu diversas atividades de educação eugênica e avaliações psiquiátricas em fábricas e escolas” (TARELOW, 2018, p. 59). Sua trajetória favorece para a disseminação e consolidação de uma Psiquiatria de cunho eugenista nas primeiras décadas do século XX, em São Paulo (SERRA; SCARCELLI, 2014), cujos demarcadores teóricos implicavam, à época, no estabelecimento de determinismos biotipológicos na composição da psique humana, das práticas sociais, dos comportamentos normais ou anormais.

A instauração da República no Brasil fora responsável por modificações que influenciaram a sociedade e a medicina é considerada um dos pilares desse estabelecimento de uma nova sociedade. O contexto é marcado pela forte industrialização e modernização, acarretando na ampliação dos centros urbanos, impulsionada com a chegada de imigrantes, negros libertos e trabalhadores rurais para as grandes cidades. São Paulo se destaca neste processo, sobretudo, na Medicina. André Mota (2005) afirma:

Para os grupos dirigentes, a modernização e a urbanização cunharam os novos ares de importância que aos poucos a capital angariava, pautada nos referenciais europeus e norte-americanos [...] São Paulo sentia-se a mais jovem amante da *belle époque*, compondo, em detalhes de sua arquitetura e na transparência de seus vitrais e luminárias, a cidade-luz que iluminaria, no final do século XIX, junto com o Rio de Janeiro e Buenos Aires, o continente apagado da América do Sul. (2005, p. 76).

Analisa-se, a partir daí, o crescimento das medidas médicas e sanitárias nos ambientes urbanos. O discurso médico, anexado ao âmbito político, influencia diretamente a vida pública e privada. Segundo Costa (1979) a educação higiênica, influenciadora de todas as instâncias sociais, transformou uma sociedade tipicamente colonial em uma sociedade contida e ‘bem educada’. Essa representação demonstra como a família transformou-se em uma instituição, assim sendo, esse núcleo higienicamente tratado e regulado, tornou-se um exemplo histórico de família burguesa.

³ A teoria eugenista é interpretada em diferentes formas por intelectuais brasileiros. Para Pacheco e Silva e Liga Paulista de Higiene Mental – LPHM a eugenia se dava como um mecanismo que colaboraria com a implementação de normas sociais (SERRA; SCARCELLI, 2014).

São Paulo, transformada em centro urbano, tornou-se berço da nova burguesia brasileira. Dessa sociedade ‘bem educada’, higienizada, como descreve André Mota (2005), “[...] a família nuclear, a intimidade do lar e a moral higiênica deveriam modelar o novo viver [...]” (2005, p. 77). A elite dirigente afirmava a importância da criação de instituições que colaborariam para a organização das “prioridades e ditassem as ações mais indicadas para a obtenção dos novos elementos constitutivos da sonhada São Paulo metropolitana” (MOTA, 2005, p. 78). Isto é, estavam incluídas nestas prioridades as instituições médicas e sanitárias das quais Antonio Carlos Pacheco e Silva edifica sua trajetória.

Devido sua influência e proximidade com a alta cúpula governamental paulista, o médico conseguiu ampliar a infraestrutura do Juquery (TARELOW, 2018; CUNHA, 1986). Isto implicou na ampliação das redes de prédios do manicômio como a criação de uma escola para crianças em 1923 e o Manicômio Judiciário, em 1927. Apesar de tais investimentos, a gestão de Pacheco e Silva não supriu as demandas, notava-se, por exemplo, a precarização dos serviços e a superlotação do hospital. Deixou seu cargo no Juquery em 1937. Como destacado, o intelectual possuiu diversos cargos importantes e buscou, a partir deles, “ampliar o alcance de sua especialidade médica, formulando análises sobre os problemas sociais de São Paulo a partir dos preceitos psiquiátricos organicistas e de cunho eugênico” (TARELOW, 2018, p. 59).

Além da carreira como médico psiquiatra, a trajetória de Pacheco e Silva evidencia a carreira docente. Em 1932 deu início na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde lecionou a disciplina de Serviços Sociais até 1935 e neste mesmo período lecionou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco a disciplina Psicopatologia Forense. Deixou ambos os cargos para trabalhar temporariamente na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP ministrando a disciplina de Clínica Psiquiátrica. O material analisado permite considerar que lecionar na FMUSP sempre foi um dos sonhos do biografado, concretizado oficialmente em 1936, quando passou em primeiro lugar no Concurso de Provas e Títulos da instituição, tornando-se Catedrático de Psiquiatria (TARELOW, 2018).

A Cátedra foi de grande importância para a ampliação do Hospital das Clínicas, pois permitiu a anexação de um setor especializado o Instituto de Psiquiatria. Utilizou de sua influência política e acadêmica para garantir seus interesses como Catedrático, fortalecido quando o médico se torna um dos responsáveis pela assistência ao filho de Getúlio Vargas, durante uma doença que o levou à morte. Como gesto de gratidão, Vargas, então presidente, colaborou com a verba necessária para a criação do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP, instituição que se tornou um dos mais importantes e maiores centros de estudos psiquiátricos da América Latina (TARELOW, 2018).

Dentre tantas atividades exercidas por Pacheco e Silva, observa-se a sua intensa atividade política. Crescido em um lar conservador e inspirado militarmente por seu avô, o médico se engaja nas ações políticas vividas na cidade de São Paulo. Suas ideologias eram voltadas para os interesses da elite paulistana, sendo assumidamente anticomunista e eugenista, tendo forte ligação com os militares brasileiros

(CORREIA; MARINHO, 2012). Foi membro do movimento paramilitar M.M.D.C, responsável pelo levante contra o governo varguista, acarretando numa guerra civil em 1932. Também foi eleito a Deputado Federal em 1933, pelo Partido Constitucionalista e Deputado Estadual em 1934. Declarou apoio a alguns quadros da Unidade Democrática Nacional – UDN nas décadas de 1940 e 1950, assim como também colaborou, em 1966, com o documento que oficializara a fundação do partido Aliança Renovadora Nacional – ARENA, responsável pela sustentação da Ditadura Militar no Brasil.

A sangrenta guerra civil ocorrida em 1932, para Pacheco e Silva, marca um momento de exaltação da excepcionalidade paulista (TARELOW, 2018). A partir disso é notório o enaltecimento da identidade paulista como representação de uma “raça de gigantes”, uma ideia de superioridade regional em ralação às demais regiões do Brasil que:

Além das fronteiras de São Paulo, aparece como fundamentalmente, atrasado, sobrecarregado pelo legado colonial do declínio do domínio português, pela monarquia obscura e *plantation*. Em contraste, o idiossincrático passado colonial de São Paulo supostamente explicaria a singular disposição regional, e sua receptividade, para a modernidade. (WEINSTEIN, 2006, p. 287-288).

Assim, entende-se a influência dos bandeirantes para a criação dessa identidade paulista. Autorepresentados como heróis desbravadores, essa imagem foi essencial para a construção da campanha constitucionalista, colaborando para o discurso da superioridade paulista no movimento de 1932, defendido e enaltecido por Pacheco e Silva. O discurso da paulistanidade estivera extremamente vinculado às ideologias do médico, apresentado diversas vezes em palestras e produções científicas, alegando a grandiosidade e excepcionalidade paulista, destacando os pensamentos eugênicos, concepções racistas, de superioridade regional e elitista comuns à época. Sua trajetória evidencia as tensões impostas pelo discurso médico no campo político, que organiza a República.

Remontar aspectos da trajetória de Antonio Carlos Pacheco e Silva, um dos mais renomados médicos do Brasil, a partir da perspectiva anunciada, implica refletir sobre as tensões permanentes herdadas da geração de intelectuais que pertence. Vale dizer, os estudos sobre biografia relatam a importância de analisar o biografado a partir das suas singularidades e especificidades, como descreve Lilia Schwarcz (2013), não cristalizando o indivíduo biografado como “bom” ou “mau”, como “herói” ou “vilão”, comum às biografias heróicas, mas sim “tendo consciência, porém, que tanto os indivíduos quanto o mundo que os cerca são constantemente mutáveis” (TARELOW, 2018, p. 26).

Observa-se como a trajetória de Antonio Carlos Pacheco e Silva evidencia uma atividade intelectual intensa. Assim, ao descrever a história de vida do médico, Gustavo Tarelow (2018) relata que o biografado “foi um indivíduo singular que assumiu posições próprias, que direcionou com maior ou menor grau de autonomia as suas escolhas, construindo assim, um caminho biográfico peculiar” (2018, p. 51-52).

Intelectual e homem de seu tempo, médico, político, representante dos ideais da elite paulistana suas ações refletem poderosamente as estruturas sociais presentes na atualidade e que insistem em permanecer.

Inventário das Publicações sobre Antonio Carlos Pacheco e Silva

Os artigos publicados e disponíveis no universo online que tiveram como objetivo tratar de algum modo Antonio Carlos Pacheco e Silva foram organizados a partir de cinco variáveis: ano de publicação, titulação e filiação institucional dos autores, periódico ao qual o texto fora submetido e materiais utilizados nas análises empreendidas sobre a vida e obra do intelectual paulistano.

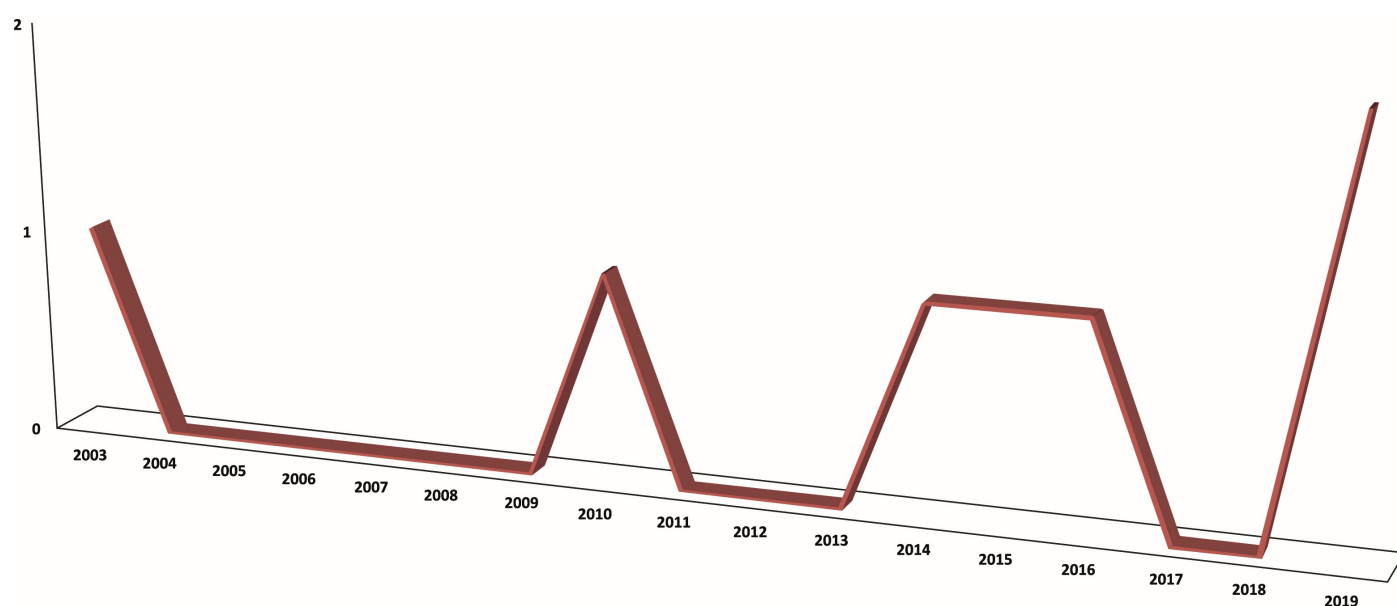
TABELA 1 – Inventário das Publicações sobre Antonio Carlos Pacheco e Silva (2003-2019)

Título	Autoria	Ano de Publicação	Titulação dos autores	Filiação Institucional	Periódico	Materiais
A ideologia na obra de Antônio Carlos Pacheco e Silva	Francisco B. Assumpção Jr.	2003	Doutor em Psicologia	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	Acervo Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP
A escola "Pacheco e Silva " anexada ao Hospital de Juqueri (1929-1940)	Carlos Monarcha	2010	Doutor em Educação: História, Política e Sociedade	Universidade Estadual Paulista	Boletim - Academia Paulista de Psicologia	Documentos da escola "Pacheco e Silva"
Por um sangue bandeirante: Pacheco e Silva um entusiasta da teoria eugenista em São Paulo	Lia Novaes Serra / Ianni Régia Scarcelli	2014	Mestra em Psicologia Social / Doutora em Psicologia Social	Universidade de São Paulo	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	Acervo do Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz / USP
Eugenia, organicismo e esquizofrenia: diagnósticos psiquiátricos sob a lente de Antônio Carlos Pacheco e Silva, nas décadas de 1920-40	Gustavo Queródia Tarelow/ André Mota	2015	Doutorando em Saúde Coletiva / Doutor em História Econômica	Universidade de São Paulo	Dimensões, revista de História da UFES	Acervo Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz / USP
Enfermagem psiquiátrica: Análise do Manual Cuidados aos Psychopathas	Claudia Polubriagino/ Paulo Fernando de Souza Campos	2016	Mestranda no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas / Doutor em História	Universidade de Santo Amaro	Revista de Enfermagem Referência (Portugal)	Manual Pacheco e Silva "Cuidados aos Psychopathas" e acervo do Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz / USP
O discurso de Antônio Carlos Pacheco e Silva sobre a psicanálise: São Paulo, 1926-1979	Gustavo Alarcão/ André Mota	2019	Doutor em Medicina Preventiva / Doutor em História Econômica	Universidade de São Paulo USP / Faculdade de Medicina/ Hospital das Clínicas/ Museu Histórico Carlos da Silva Lacaz	Saúde e Sociedade	Acervo Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz / USP
História crítica da hipnose na psiquiatria da faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Brasil, entre 1930-1970	Gustavo Gil Alarcão/ André Mota	2019	Doutor em Medicina Preventiva / Doutor em História Econômica	Univeridade de São Paulo	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	Acervo Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz / USP

(FONTE: própria autoria)

Observa-se que a produção acadêmica acerca da obra de Pacheco e Silva evidencia um diminuto, mas crescente interesse na publicação de estudos sobre a trajetória do médico paulistano. Os achados compreendem sete artigos publicados entre os anos de 2003 a 2019. Nos anos de 2003 e 2010 foram publicados dois artigos, um em cada ano, sendo esse o período que mais demonstrou distanciamento temporal entre as publicações. De 2014 a 2016 um artigo foi publicado a cada ano com uma pausa de dois anos, o que é retomado em 2019 com a publicação de dois artigos.

GRÁFICO 1 - Publicações de 2003 a 2019



(FONTE: própria autoria)

A respeito da titulação dos autores dos estudos publicados sobre Pacheco e Silva, as temáticas abordadas são tratadas predominantemente por pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação *strictu sensu* e por doutores da área de História, Psicologia e Medicina que atuam em programas de Mestrado e Doutorado de suas respectivas filiações institucionais. A variável permite considerar que os estudos que tratam a vida e obra de Antonio Carlos Pacheco e Silva se circunscrevem a um âmbito restrito da pesquisa acadêmica, ou seja, a trajetória do intelectual é avaliada por pesquisadores vinculados a grupos específicos de pesquisa como resultado de orientações, parte de dissertações e teses desenvolvidas nos âmbitos da Educação, Enfermagem, História, Medicina e Psicologia, que caracterizam as áreas de formação dos autores e em alguns casos da área de concentração dos programas de pós-graduação.

Entre as instituições as quais os pesquisadores se apresentam vinculados há a predominância de cursos vinculados a Universidade de São Paulo. Do total de sete artigos, três artigos são oriundos de pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Ciências – Medicina Preventiva (Saúde Coletiva) para obtenção do título de doutor e um artigo do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como

resultado da Dissertação realizada para obtenção do título de mestre. A Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Santo Amaro, também de São Paulo, aparecem como instituições que mantêm pesquisadores interessados sobre a vida e obra do intelectual, os quais publicaram um artigo cada. Essa variável evidencia a predominância de estudos a respeito de Pacheco e Silva concentradas no estado de São Paulo, por pesquisadores vinculados a instituições de ensino superior de São Paulo.

A Revista Latino Americana de Psicologia Fundamental publicou dois artigos. Quase a totalidade das publicações constam em revistas voltadas para o campo da Saúde como Boletim Academia Paulista de Psicologia; Saúde e Sociedade; Interface - Comunicação, Saúde, Educação e Revista Enfermagem Referência, mantida pela Universidade de Coimbra, Portugal. Ainda que a maioria dos autores sejam historiadores, as formações de interesse incluem a Medicina, a Enfermagem, a Psicologia, Saúde Coletiva e Educação. Um dos artigos foi publicado em um periódico intitulado Dimensões Revista Histórica da UFES, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

As pesquisas, em sua totalidade, empregaram materiais documentais disponíveis no acervo do Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz para a fundamentação dos problemas propostos em cada artigo. Trata-se de uma instituição vinculada à Universidade de São Paulo – USP em que se encontra depositada a coleção de obras e arquivos do intelectual. É evidente a predominância de pesquisadores da própria FMUSP a respeito de Pacheco e Silva, ou que se vinculam ao núcleo de estudos que se desenvolveu na instituição com a organização do Museu Histórico, cuja principal função é fomentar o estudo e a divulgação de seu acervo enquanto testemunho e fonte histórica.

Os artigos apresentam análises de discursos produzidos por Pacheco e Silva e sua correlação com o contexto histórico em que o médico viveu. Os autores tratam os impactos desse discurso como legitimador de estruturas sociais, como salientado em sua produção. A escrita perpassa laudos médicos, cartas particulares, artigos, discursos, entrevistas e obras publicadas ao longo de sua carreira docente, como intelectual. Os enfoques abordados perpassam os temas: Infância e educação especial (MONARCHA, 2010; SERRA, SCARCELLI, 2014), a ideologia presente na obra de Pacheco e Silva (ASSUMPTÃO JÚNIOR, 2003), questões ligadas a eugenia (SERRA, SCARCELLI, 2014; TARELOW; MOTA, 2015), esquizofrenia (TARELOW; MOTA, 2015), hipnose, história da psicanálise, psicoterapia (ALARCÃO; MOTA, 2019a; ALARCÃO; MOTA, 2019b) e recomendações aos profissionais de enfermagem que atuavam em hospitais psiquiátricos (POLUBRIAGINOF; CAMPOS, 2016).

Os aspectos contraditórios de Pacheco e Silva são evidenciados constantemente nos artigos. A busca da legitimação da Psiquiatria como correlata à Medicina, por meio do pretense objetivismo científico na qual estaria fundamentada, revela como Pacheco e Silva defende ferramentas terapêuticas que crê eficientes para a cura dos considerados ‘anormais’. Entre os artigos se verifica aspectos que perpassam o lugar do

feminino em São Paulo relacionado às esferas do cuidado em contexto hospitalar e da educação marcada pela presença predominante de mulheres na escola fundada para receber os menores de idade no Hospital do Juquery (POLUBRIAGNOF; CAMPOS, 2016; MONARCHA, 2010).

As análises realizadas permitem avaliar continuidades, rupturas, conflitos, transformações, apropriações das trajetórias humanas e como tais dinâmicas se estabelecem, como as tensões que emergem da história pessoal, no caso de um intelectual da Medicina, impacta no mundo social em diferentes contextos a partir de apropriações e interpretações que permitem inferir a continuidades de discursos presentes, na atualidade, como padrões comportamentais, ainda naturalizados ou “diagnosticados” como anormais e que instituem corpos que importam (BUTLER, 2019), historicamente construídos e culturalmente legitimados.

A desconstrução ou ao menos problematização torna-se necessária para dimensionar as permanências que emergem da obra e trajetória de Pacheco e Silva, fonte efetiva para possibilidades de análises sobre os impactos das proposituras da medicina na organização da sociedade republicana brasileira na contemporaneidade. Os estudos publicados em periódicos eletrônicos mapeados e categorizados demonstram a diversidade de campos influenciados por suas produções. Os resultados dos trabalhos publicados como artigos perpassam Medicina, Direto, História, Educação e Enfermagem, que na obra de Antonio Carlos Pacheco e Silva, observadas a partir de sua trajetória, evidenciam fundamentos da paulistanidade como projeto político, que pretendeu uma ordem sonhada, pautada na eliminação de indesejáveis, considerados anormais, figuras nocivas ao ambiente social desejado pelas elites no Brasil republicano.

O crescimento do interesse acerca do médico e sua ideologia, assim como suas atividades, encontra paralelo com o aumento dos discursos denominadores que se impõe constantemente sobre grupos sociais historicamente marginalizados como homossexuais, mulheres, crianças, pretos, pacientes mentais abordados nos trabalhos do psiquiatra, assim, pode-se estabelecer relações entre o passado e o presente, observando as permanências históricas e mentalidades existentes em ambos os contextos, suas origens e permanências sociais, inclusive como possibilidade de desmonte dos discursos derivados dessas matrizes eugênicas da vida em liberdade. Os percursos que se evidenciam nos estudos de trajetórias permitem desvelar as tensões permanentes.

Considerações Finais

Antonio Carlos Pacheco e Silva foi um médico que marcou sua época. Intelectual influente no contexto em que viveu esteve presente e ativo em sua profissão como médico psiquiatra, o segundo diretor de um dos maiores e mais famosos hospitais psiquiátricos do Brasil e América Latina, o Juquery, nome importante para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo como Professor Catedrático de

Psiquiatria, fundador do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo, além de participar ativamente da política paulistana, paulista e brasileira.

A diminuta, porém crescente, produção acadêmica publicada em periódicos nacionais e internacionais em língua portuguesa nos anos de 2003 a 2019 indicam que a trajetória e a produção do psiquiatra remontam aspectos do influente discurso científico emanado das teorias organicistas, as quais contribuem para produzir o regionalismo que projeta São Paulo como ideal civilizatório, modelo na busca da normatização social a partir da paulistanidade marcada pelo progresso científico e econômico do estado. As relações interdisciplinares tornam evidentes as implicações das abordagens, bem como estas refletem proposituras ainda presentes no século XXI, questões que as trajetórias permitem evidenciar e desconstruir.

Referências

ALARCÃO, Gustavo Gil; MOTA, André. História crítica da Hipnose na psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Brasil, entre 1930-1970. **Interface comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v.23. mar. 2019a. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-32832019000100220&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 mai. 2020.

ALARCÃO, Gustavo Gil; MOTA, André. O discurso de Antonio Carlos Pacheco e Silva sobre a psicanálise: São Paulo, 1926-1979. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 272-285, jul. 2019b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/160428>. Acesso em: 15 mai. 2020.

ASSUMPÇÃO JÚNIOR, Francisco B. A ideologia na obra de Antonio Carlos Pacheco e Silva. **Revista latinoamericana de psicologia fundamental**, São Paulo, v.6, n.4, p. 39-53, out./dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142003000400039&script=sci_arttext. Acesso em: 14 mai. 2020.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Da Idade Média aos Nossos Dias. Lousã: Publicações Europa-América, 2012.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: ___. **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p.7-37.

BUTLER, Judith. **Corpos que Importam**. Os limites discursivos do sexo. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

CORREIA, Manuel; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. A 1ª Conferência Internacional de Psicocirurgia e a Influência dos Cientistas Brasileiros na Atribuição no Prêmio Nobel a Egas Moniz. In: MOTA, André;

MARINHO, Maria Gabriela S. M. C (Orgs.). **História da Psiquiatria: ciência, práticas e tecnologias de uma especialidade médica**. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD. G Casa de Soluções e Editora, 2012. cap. 1, p. 11-28.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Juquery – História de um Asilo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2019.

JAPIASSU, Hilton. Domínio do Interdisciplinar. In: __. **Interdisciplinaridade e a Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 37-113.

MONARCHA, Carlos. A escola “Pacheco e Silva” anexada ao Hospital de Juqueri (1929-1940). **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v.30, n.1, p. 7-20, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2010000100002. Acesso em: 14 mai. 2020.

MOTA, André. A Paulicéia sob um Diagnóstico Sanitário. In: __. **Tropeços da Medicina Bandeirante: Medicina Paulista entre 1892-1920**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. cap. 2, p. 75-124.

POLUBRIAGNOF, Cláudia; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. Enfermagem psiquiátrica: análise do Manual Cuidados aos Psychopathas. **Revista enfermagem referência**, Coimbra, v. 4, n. 9, p. 125-132, abr./ mai./ jun. 2016. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832016000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 14 maio 2020.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.10, n.19, p.3-21, 1997.

SCHWARCZ, L. M. Biografia como gênero e problema. **História Social**, Campinas, n. 24, 2013, p. 51-73.

SERRA, Lia Novaes; SCARCELLI, Ianni Régia. Por um sangue bandeirante Pacheco e Silva, um entusiasta da teoria eugenista em São Paulo. **Revista latinoamericana de psicologia fundamental**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.85-99, mar. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142014000100007. Acesso em: 15. maio 2020.

TARELOW, Gustavo Queródia; MOTA, André. Eugênia, organicismo e esquizofrenia: diagnósticos psiquiátricos sob a lente de Antonio Carlos Pacheco e Silva, nas décadas de 1920-40. **Dimensões**, n.34, p. 255-279. 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/11118>. Acesso em: 15 mai. 2020.

TARELOW, Gustavo Queródia. **Antonio Carlos Pacheco e Silva: psiquiatria e política em uma trajetória singular (1898-1988)**, Orientador: André Mota. 2018. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, São Paulo, 2018.

WENSTEIN, Bárbara. Racializando as diferenças regionais: São Paulo X Brasil, 1932. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 13, n. 16, p. 281-303, 2006.

Recebido em 28/06/20 aceito para publicação em 06/08/20



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.